


BLONDIE



Recontado por Carlos Lopes

mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Blondie
BLONDIE
recontado por
CARLOS LOPES

NOVEMBRO DE 2008
VOLUME 83

MOJO
BOOKS

BLONDIE

BLONDIE

recontado por

CARLOS LOPES

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. X offender
2. Little girl lies
3. In the flesh
4. Look good in blue
5. In the sun
6. A shark in jet's clothing
7. Man overboard
8. Rip her to shreds
9. Rifle range
10. Kung fu girls
11. The attack of the giant ants

BLONDIE
BLONDIE

LANÇAMENTO: **1976**
SELO: **CHRYSALIS**



BLONDIE

I.

Os anos da última metade da década de 70 foram inesquecíveis para mim. Principalmente aqueles que passei nos *States*, mais concretamente em Nova York. Tinha vinte e poucos anos e uma vida inteira pela frente. Queria gozá-la, romper com um passado muito certinho que me havia transformado num rapaz sem chama, sem garra, sem vontade de fazer coisas novas. Um absurdo de vida, aquela que vivi antes de chegar à grande cidade norte-americana.

Tinha alguns primos por lá e foram eles que me convidaram a passar algumas semanas em sua casa. E que semanas foram... Estava de férias de verão, sem perspectivas nenhuma, sem saber para onde ir. Aliás, nunca tinha ido sozinho para lado nenhum. Mas tinha algum bom dinheiro no bolso. Coisa de família, dinheiro de pais separados que mimam os filhos e os compram com algumas notas. Ia com a carteira bem recheada e com vontade de conhecer pessoas interessantes. Isso era, aliás, o que os meus primos me haviam prometido. Todos eles tinham mais ou menos a minha idade. Ou melhor, eu era o mais novo. Ruca tinha dezoito, Mido mais dois ou três. Não me recordo exatamente da sua idade, nem isso interessa para a história. A verdade é que eu, ao lado deles, parecia um menino de ginásio,

ingênuo, tímido e com receio dos perigos da vida.

Os meus primos viviam como se não houvesse amanhã, ou como se o amanhã fosse algo que não lhes pertencesse, e isso era novo para mim. Essa postura de vida incomodou-me um pouco, mas somente nos primeiros dias. Depois me acostumei. E que bom que era! Acordar muito tarde, dormir quando o sol começava a nascer! Pelo meio, pouca comida, muito álcool, fumos que nos deixavam maiores que a Estátua da Liberdade. E música, muita música em lugares que mais tarde ficariam na história do país e do mundo.

Tudo começou ao abrir as malas. Os meus primos disseram que a roupa que trazia não servia para mim. Não serviam para aquele lugar. Pelo menos enquanto andasse com eles, as regras teriam de ser as deles. Nada de camisas de fato, de calças limpas e impecavelmente passadas. E os sapatos? Nunca, “por aqui usam-se tennis shoes, sujos, com buracos” — disseram-me, como se isso fosse o mais importante de tudo. Nesse mesmo instante herdei dois pares Converse, velhos, rotos, exatamente como se usava na altura. Lembro-me bem: uns encarnados, outros pretos. E o mais estranho é que me obrigaram a usá-los um de cada cor. Estavam ligeiramente largos. Mas foi nesse estranho conforto que comecei a pisar caminhos completamente desconhecidos.

II.

Era noite. Todos pulavam ao som dos Talking Heads. Em cima do palco, David Byrne e companhia tocavam canções fantásticas. As guitarras subiam por mim acima e sentia-me no céu. Uma garota loira que também pertencia a uma banda que tocava no local, olhava para mim, mas parecia não me ver. Era linda, um anjo com jeito *punk*, palavra nova no meu imberbe vocabulário, mas que passei a ouvir mil vezes por dia. Dançava de um jeito estranho, cabeça em baixo, os cabelos soltos como raios de sol no fundo da noite. E um jeito deliciosamente decadente que me fascinava!

Em cima do palco todos pulavam. Nós pulávamos também. O cheiro era nauseabundo, quase irrespirável. O fumo era tanto que tinha de ir à porta do clube de vez em quando. Depois entrava de novo e aproveitava ao máximo o que a noite me dava. Nos *WCs* entravam e saíam dezenas de pessoas, arrastavam-se outras em ombros amigos. Os meus pés pisavam um mar de urina com requintes de cerveja. Tudo aquilo era novo para mim. Demasiadamente novo e surpreendente. Os meus primos diziam-me repetidas vezes para nunca dizer não a nada. Tinha de experimentar tudo.

A garota loira não me saía da cabeça. Ia tocar logo a seguir, depois de Byrne e sua banda. Queria aproximar-me do palco, mas não era fácil. “Fuck

you, man” — e lá tinha de me conformar com uma qualquer segunda ou terceira fila.

O recinto era mínimo. Parecia magia tanta gente caber lá dentro. Eles quase todos de preto e *t-shirt*, calças curtas e apertadas, finas, justas às pernas, de couro. Elas com olhos mal dormidos, de blusões rasgados, calças rasgadas, bonitas, muito bonitas, de uma beleza que não conhecia, que nunca vira antes. Pareciam anjos negros, sedutores e prontos a me devorarem.

Um dos meus primos beijava uma garota há mais de meia hora. Encostados à parede do fundo da sala, eles eram um show à parte. Ela quase lhe arrancava a roupa, a *t-shirt* branca dizendo *Try Me* estava quase destruída pelas suas mãos. Na luta, o meu primo não ficava atrás. As mãos entravam por baixo da sua roupa, despiam-na por momentos para depois lhe esconder os peitos, beijando-os em seguida. Era quase uma violação consentida por ambos. Rock’n Roll. Esse era o som, a atitude do momento. Viver podia ser uma experiência apaixonante. Desgastante, mas arrebatadora. Como as noites serviam bem os meus propósitos! Sabia que o mundo nos pertencia e que de todos os lugares do mundo, não havia outro onde quisesse mais estar. Que grande e perigosa mudança era essa que em tão pouco tempo se apoderava de mim? Não me interessava saber a resposta. Apenas queria viver apressadamente aqueles momentos como se fossem os últimos. Apenas isso, mais nada.

A garotinha loira e a sua banda iam começar a tocar. Eu ia morrer de amor dentro em pouco...

III.

No dia seguinte, no meio da tarde, lembro-me de ter dito aos meus primos que estava apaixonado. Eles riram-se e disseram que toda aquela gente da noite anterior também estaria, certamente. Como não estar? Que cara, que voz, que corpo! E tocavam como se ninguém os estivesse a ouvir. Divertiam-se. Eram os reis do local, embora me lembre de algumas pessoas não gostarem do som que faziam... Como podia isso ser? Quase me ofendia saber que alguns palhaços não gostavam daquela banda.

Depois de comermos pão e bebermos Coca — era isso que comíamos e bebíamos quando acordávamos — , a rotina do costume: vestir as mesmas calças, a mesma t-shirt, os mesmos All Star e o dia era nosso. Corríamos para a Bowery de Nova York, lugar mágico e inquietante. As pessoas andavam pelas ruas como zumbis. Nós também. As noites mal dormidas começavam a deixar marcas em mim. Tinha já perdido três ou quatro quilos. Estava pálido, sujo, mal alimentado, mas sentia-me um pequeno deus. A liberdade que nunca tivera estava agora ao meu lado, piscava-me o olho, levava-me pela mão. E eu ia, imensamente feliz.

O Max's Kansas City e o CBGB's eram as *venues* do momento. As nossas noites tinham sempre esse destino. Era ali que tudo acontecia. Era ali que

a música ganhava um novo rumo. Ali fazia-se o futuro. E era estranha a sensação de viver o futuro no tempo presente. Eu tinha a nítida noção de estar a viver um momento único e enquanto me fosse permitido ia estar ali, no centro do mundo, com a cabeça a estourar de decibéis, o coração a bater mais do que devia, a mente a divagar por locais estranhos e quimicamente perigosos.

Como iria ser a minha vida quando regressasse a casa? Nunca mais seria a mesma, isso sabia melhor do que ninguém. Mas também, que importava pensar nisso quando ainda tinha uma semana pela frente! Mais um cigarro dos nossos e as idéias iluminavam-se de novo.

A noite aproximava-se, vertiginosa. Caía sobre nós como uma benção. As pessoas amontoavam-se para garantirem lugar na antro sonoro de Hilly Kristal. Valia tudo, empurrões, cotoveladas, insultos. Também eu os insultava para me sentir mais um entre os muitos que ali estavam. “Vá-se foder!” E ria. Riamo-nos os três sabendo que ninguém nos entendia. Tudo era caótico. Mas uma vez lá dentro, o paraíso sorria-nos. Um paraíso decadente, mas sublime e promissor.

IV.

Eles iam ser os primeiros a tocar naquela noite. Eu babava-me só de pensar nela. A minha deusa! Estava junto ao palco. Iria poder tocar-lhe nos pés, nas pernas. Com um pouco de sorte o melhor sorriso da noite seria para mim! Só para mim. O excesso de álcool fazia-me sentir confiante. Estupidamente, imaginava ser possível que eu e ela nos apaixonássemos. Que nessa noite poderia ter essa estrela loira do meu lado, senti-la junto a mim, o seu suor na minha pele, in the flesh, como diziam os meus primos, provocando-me, numa espécie de gozo contido e invejoso. Aquela cabecinha loira preenchia-me a existência. Faltavam poucos minutos. O Ruca e o Mido acotovelavam-se para se aproximarem de mim. Tinham ido ter com um amigo dealer que costumava estar à porta do CBGB's. Vendia-nos os melhores "sonhos" da Bowery. Era isso que ele dizia sempre. Lembro-me tão bem da sua figura, passados mais de vinte anos! Dessa noite em particular, preferia nem me lembrar. Ou melhor, preferia que essa noite não tivesse acontecido. A minha primeira desilusão amorosa, se assim posso chamar, estava quase a ter lugar. Hoje rio da situação, mas naquela noite vivi um dos meus maiores pesadelos.

pequeno palco onde as bandas atuavam, vi-os subir. Eram cinco ao todo, mas os meus olhos tinham um destino apenas. De repente, como num *flash*, fiquei em estado de choque: antes mesmo de soarem os primeiros acordes, a minha estrela *pop* beijava o guitarrista com todo o fôlego que tinha. Ele abraçava-a, não perdendo a pose cool de um verdadeiro *rock star*. Ela amava-o, não restavam dúvidas. A platéia assobiava. Queriam música, queriam guitarras altas e sedentas de vida. Eu, subitamente, queria desaparecer. Olhei para os meus primos e eles riam, embora adivinhasse nos seus rostos algum descontentamento também. Estavam tristes por mim. Ainda hoje penso isso. Estavam tristes. Sabiam que o meu sonho patético não fazia sentido algum, mas não me queriam desiludir. Eles já não tinham há muito a ingenuidade que eu perdera naquele instante. Eram mais vividos. Mais habituados às desilusões do coração. Eu não.

Nessa noite consumi tudo o que havia e podia. Nenhuma droga me passou ao lado. E álcool, muito álcool para desinfetar a ferida aberta no lugar do coração.

V.

O que o nosso amigo dealer tinha vendido aos meus primos, nada tinha a ver com “sonhos”. O termo pesadelo fazia mais sentido.

No dia seguinte, já razoavelmente recomposto, percebi o verdadeiro significado da expressão *Sex, Drugs & Rock'n Roll*. Mas sem *sex*, é claro. Vivi um autêntico cataclisma dentro da minha cabeça. O abuso de “substâncias narcóticas” — lembro-me bem do ar de gozo do meu primo Mido quando usou essa expressão -, deu cabo de mim. O meu pesadelo durou toda a noite. Hoje sou capaz de sorrir ao pensar em tudo o que povoou o meu cérebro nessa noite de todas as desilusões.

Foi mais ou menos assim: andava de olhos bem abertos, mas não via nada do que estava à minha frente. Com uma energia incontida, corria pelo recinto sem saber bem por quê. Todos me empurravam. Eu empurrava-os também e seguia aos encontrões. Não conseguia estar quieto. Depois, subitamente, foi o contrário. Alucinei. Foi aí que percebi que alguma coisa havia fundido dentro da minha cabeça. As forças desapareceram num abrir e fechar de olhos. Tive de parar num canto do recinto e sentar-me sobre um monte de lixo, de casacos mais sujos que o chão, entre inúmeras latas de cerveja. Aí fiquei perdido durante algumas horas, vendo correr no

pensamento um filme estranho, com personagens igualmente estranhas, uma espécie de videoclipe fantasmagórico e cruel. Ao longe, mas dentro da minha cabeça, uma voz cantava canções que conhecia de cor. E gritava o meu nome!

Uma voz chamava por mim. Conhecia perfeitamente essa voz, embora não a conseguisse identificar, era uma voz pura. Uma voz que me pedia ajuda, desesperadamente. Corri ao seu alcance e deparei com os motivos de tamanha gritaria. Uma linda e loira mulher era arrastada por seres que pareciam vindos de outro planeta. Puxavam-na pelos braços e pelos cabelos. Ela, em desespero, tinha na sua voz a única arma e em mim a última esperança. O que fazer? Como conseguiria eu ser o herói daquela mulher? Logo eu, perdido dentro do meu próprio cérebro, lutando por encontrar alguma lógica em todo aquele espetáculo.

Os monstros puxavam-lhe a roupa, ávidos do corpo suado que se mostrava aos poucos, por entre os rasgões. Uma voz fazia-se ouvir por entre a gritaria, ordenando *rip her, man, rip her hard...* E foi nesse instante que percebi ter um cinturão preso às ancas, com duas armas de fogo. Estava preparado para derrotar aqueles canalhas. Foi isso que tentei fazer. Com as pistolas nas mãos e o coração batendo mais do que nunca, fiz ecoar os primeiros tiros: “bang bang” — e lembro-me de ter achado ridículo os tiros soarem como o refrão de uma canção da minha banda preferida. Aos primeiros disparos, alguns dos malfeitores caíram redondos no chão.

A vitória seria possível, afinal! Eu poderia ser o herói da noite, e no final teria como prêmio a mulher que tanto desejava! Era isso que se passava na minha cabeça, enquanto todos vibravam com o som que se ouvia na sala. Aos pulos, sempre aos pulos.

Mas a sorte nem sempre protege os aventureiros bons. Depois de abater todos os vilões com tiros melódicos e certos, o pesadelo adensava-se. De um canto sinistro do meu cérebro, subitamente, brotavam aranhas de tamanhos inauditos, impossíveis, irrealis. Era um autêntico batalhão de aranhas gigantes. Esse era o cenário que tinha pela frente! Sim, aranhas. E todas vinham direitas a mim. Defendia-me com ridículos golpes de kung fu. Eu e ela, a minha deusa cada vez mais distante, cada vez mais nas mãos do inimigo.

Talvez tenha sido nessa altura que tudo ficou escuro, noite cerrada dentro de mim, apagão total.

VI.

Alguns dias depois, no momento em que me despedia dos meus primos, ainda havia em mim uma estranha dorlência, um incômodo distante, mas presente na minha cabeça. Estivera dois dias em estado muito pouco digno. Cheguei a assustar os meus primos. Não reagia, mal conseguia abrir os olhos e tudo o que comia ou bebia, o meu corpo rejeitava. “O amor mata”, dizia o Ruca com um certo ar de gozo, não conseguindo, mesmo assim, disfarçar alguma preocupação interior.

Nos últimos abraços que demos, já na área de embarque do aeroporto, naquele distante verão, prometi a mim mesmo lembrar-me o quanto pode ser perigoso viver assim, sem rédeas, sem barreiras, aberto ao perigo que existe a cada esquina. E prometi também lembrar-me de que a vida é isso mesmo: uma imensa melodia que soa sempre bem, mesmo quando vivida um pouco fora de tom.

Ainda hoje guardo boas memórias desses dias que mudaram o meu futuro. Memórias que ficarão para sempre, seguramente. E muitas vezes, quando cai a noite, olho para o céu e vejo as mesmas estrelas que iluminaram as nossas noites há trinta anos.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br